

cadernos
VIDA CRISTÁ



Vale a pena!

A fidelidade, uma força
que conquista o tempo

ANDRÉS CÁRDENAS MATUTE (ed.)

Andrés Cárdenas Matute

VALE A PENA: A FIDELIDADE, UMA FORÇA QUE CONQUISTA O TEMPO

www.opusdei.org

Índice

- Vale a pena! (1) Uma força que conquista o tempo
- Vale a pena! (2): Bendito quem confia no Senhor
- Vale a pena! (3): para fazer do tempo um aliado
- Vale a pena! (4): De geração em geração
- Vale a pena! (5): Em sua pureza original, em sua novidade radiante

Vale a pena! (1) Uma força que conquista o tempo

“Quem não levanta os olhos para o Sol quando ele se levanta? Mas quem desvia os olhos de um cometa, quando ele surge? Quem não presta atenção a todo sino que dobra em qualquer ocasião?” Um poeta inglês do século XVII fazia estas perguntas ao reconhecer que não consideramos os acontecimentos como algo impessoal, que surge ao acaso. Ao detectar que por trás de todas essas experiências há sempre alguém, um outro envolvido, ao vislumbrar que sempre escondem uma relação, ele concluía: “Nenhum homem é uma ilha, contida em si mesma (...). Portanto, jamais procure saber por quem o sino toca, ele toca por ti”^[1].

Uma aposta ousada

Quando falamos de fidelidade, podemos falar em muitos níveis diferentes. Mas o mais relevante é aquele que se refere à “relação entre pessoas, em seu aspecto mais profundo do ponto de vista humano: o amor”^[2]. Todos nós compomos uma rede de relacionamentos que nos recebeu em nossa chegada ao mundo e que nos sustenta ao longo de nossa existência. Precisamos uns dos outros não só para a sobrevivência material, mas para ser felizes. “Sendo o homem um animal social, naturalmente tem um homem os deveres para com outro sem os quais não pode a sociedade humana subsistir”, diz São Tomás de Aquino. Normalmente, o primeiro apoio de que precisamos é material, relacionado à sobrevivência, mas também precisamos sustentar-nos mutuamente em nosso caminho rumo ao futuro, para avançar com esperança e confiança. Por isso, o santo continua: “Pois, os homens não poderiam conviver em sociedade se não acreditassem uns nas palavras dos outros”^[3].

A nossa época se caracteriza mais pela busca de uma autonomia total do que por reconhecer que as nossas ações estão ligadas às das pessoas que nos rodeiam. Preferimos a ilusão de que somos totalmente autossuficientes a reconhecer-nos necessitados dos outros. Por isso, um primeiro obstáculo a ser superado quando falamos de fidelidade são as atitudes que nos levam ao isolamento e que encontramos, de alguma forma, dentro de nós mesmos. Na verdade, mais profundamente ainda, descobrimos que nosso coração não se satisfaz com uma vida completamente autônoma, solitária: “nenhuma vida humana é uma vida isolada; entrelaça-se com outras vidas. Nenhuma pessoa é um verso solto”^[4]

Embora existam algumas virtudes que não estão diretamente envolvidas no relacionamento com outras pessoas, como por exemplo a fortaleza e a temperança, existem virtudes que só se manifestam nos relacionamentos. A fidelidade é uma delas, já que implica um movimento de ida e volta entre duas pessoas: por um lado, é preciso acreditar que a outra pessoa tem boas intenções em relação a mim; implica construir a própria vida com o convencimento de que esta pessoa me ama agora e continuará amando no futuro. Nesse sentido, a fidelidade nasce no outro em um primeiro momento, não depende inicialmente de nós mesmos; e uma virtude assim supera a nossa tendência para a

autossuficiência, convidando-nos a uma abertura humilde que, como indica o Papa Francisco, “sempre encerra uma parcela de risco e de aposta ousada”^[5]. No entanto, desta abertura pode surgir um movimento que, pouco a pouco, eleva-se em espiral rumo a uma vida compartilhada e feliz. Quem entra nesta dinâmica da fidelidade está muito longe de ter chegado à tranquilidade de um destino; na verdade começa a vertigem do que é vivo, movimento de quem está a caminho. “A fidelidade é como uma força que conquista o tempo, não por rigidez ou inércia, mas de um modo criativo”^[6], e contando com ter por perto alguém em quem confiar.

Teresa de Jesus e Jesus de Teresa

Pelos meios de comunicação, pesquisas ou pelas nossas próprias experiências, podemos sentir falta de uma felicidade simples, mas autêntica, que a fidelidade nos traz. Notamos a necessidade de que volte a brilhar no casamento, na família, no relacionamento com Deus, e, em geral, em qualquer tipo de relacionamento pessoal^[7]. Para isso, contamos, por um lado, com a ajuda do Senhor. E também com a vontade de fazer o bem que detectamos em tantas pessoas, também em nós mesmos; “uma fidelidade que é livre correspondência à graça de Deus, vivida com alegria e também com bom humor”^[8].

Tudo isto pode parecer, às vezes, um sonho irrealizável, que está acima das nossas forças. E temos um pouco de razão: cada um, se depender só de si mesmo, é frágil, tem pés de barro; além de que a fidelidade só pode surgir entre duas pessoas. Mas é precisamente a experiência da nossa fraqueza que nos impede de confiarmos unicamente em nossos bons desejos e talentos. Vêm em nossa ajuda aquelas palavras de São Paulo: “Tudo posso naquele que me conforta” (Fl 4, 13). Deus, que nos oferece seu amor antes de o pedirmos, e que nunca deixa de nos amar, aconteça o que acontecer, entrega-se como fonte de nossa fidelidade a Ele e às outras pessoas.

Se pensamos, no entanto, na experiência da fidelidade de Deus em nossa vida e na vida de tantas pessoas, poderíamos dizer que podemos confiar em nós mesmos. Quantas vezes, sobretudo em momentos difíceis vêm à nossa memória lembranças da confiança que o Senhor teve conosco, começando pelo nosso nascimento – que estejamos vivos é uma escolha d’Ele – para continuar com o nosso batismo e com todas as vezes que Deus nos mostrou seu amor, proximidade e luz em nosso caminho. A escolha que Deus fez de nós é eterna, mas a confiança que deposita em nós vai se realizando no tempo: a consciência daquele privilégio vai amadurecendo em nosso interior.

Quando, pelo contrário, queremos ser fieis só com as nossas forças, quando perdemos de vista o relacionamento que fundamenta a fidelidade, deixamos de experimentar essa confiança em Deus. Esquecemos os dons recebidos, como os vinhateiros que esqueceram que trabalhavam porque o dono foi procurá-los, e não por méritos próprios (cfr. Mt. 21, 33-46). Concentramo-nos em como os nossos esforços são custosos e insuficientes. Pouco a pouco vão aparecendo as queixas, fugas breves, infidelidades no pequeno. Ou uma distância que também pode se insinuar de modo mais solapado em se acostumar a conviver com o Senhor, em uma luta que procura tranquilizar a consciência, na tibieza. Perdemos a novidade do outro, a surpresa do seu rosto, a criatividade que os relacionamentos pessoais

exigem.

Se podemos ser fiéis, é porque Deus confia em nós. “O cristão não é nunca um homem solitário, porque vive num contínuo colóquio com Deus, que está junto de nós e nos céus”^[9]. É nessa atmosfera de proximidade que os santos foram fiéis. Conta-se que certo dia santa Teresa de Ávila, no Mosteiro da Encarnação, descendo as escadas encontrou um menino que lhe sorria. Surpreendida por ver uma criança dentro do convento, perguntou-lhe: “Quem é você?” O menino respondeu com outra pergunta: “E você quem é?” A santa, admirada, replicou: “Eu sou Teresa de Jesus”. E o menino, sorrindo, disse-lhe: “Pois eu sou Jesus de Teresa”.

Fidelidade de filhos de Deus

“A virtude da fidelidade está profundamente unida ao dom sobrenatural da fé, chegando a ser expressão da solidez que caracteriza quem colocou o fundamento de toda a sua vida em Deus”, escreveu Bento XVI. “Na fé encontramos de fato a única garantia de nossa estabilidade (cfr. Is 7, 9), e só a partir dela podemos também nós ser verdadeiramente fiéis”^[10]. Partindo desta fidelidade de Deus, que antecede a que queremos para nós, podemos enunciar três âmbitos que fortalecem a nossa fidelidade: experimentar a alegria de pertencer ao Pai, em Cristo, como pessoas livres; tornar cada vez mais profunda a nossa identificação pessoal com a sua vontade, que é sempre um dom para nós; e viver a relação fraterna que surge entre aqueles que querem ser fiéis.

Primeiro, pertencemos a Deus; não, porém, como algo inerte, e sim como seres vivos, pessoas livres, capazes tanto de amar quanto de abrir-se ao amor de outro. E Deus se deu também a nós pessoalmente, em seu amor trinitário. Desejamos então, conhecer cada vez mais o Senhor e a nós mesmos para desfrutar, padecer, trabalhar e relacionar-nos com os outros impregnados da consciência viva da nossa filiação divina. São João da Cruz interpretava assim o sonho da escada de Jacó, quanto mais subimos em nosso conhecimento e amor de Deus, mais descemos nas profundezas da nossa alma^[11]. Conhecer cada vez mais a Deus aproxima-nos de nós mesmos que somos obra sua; e, ao mesmo tempo, conhecer melhor a sua criação, sobretudo em nós mesmos, pode encher-nos de assombro e amor para com o criador. “Enamora-te e não O deixarás”^[12], escrevia São Josemaria no último ponto de Caminho, e o Bem-aventurado Álvaro complementava este ponto invertendo-o: “Não O deixes, e te enamorarás”^[13]. O nosso desejo de seguir de perto a nosso Senhor, algumas vezes a contragosto, é suficiente para Ele infundir em nós renovados desejos de manter o nosso coração enamorado.

Em segundo lugar, sabemos que amar a Deus é, na verdade, um caminho de identificação com Jesus Cristo, de deixar que a sua confiança frutifique em nós. Pois bem, para conseguir isso, necessitamos igualmente da sua ajuda. Com efeito, ninguém pode chamar a Deus de Pai, nem se considerar seu filho a não ser em Jesus Cristo. Mas, embora todos participemos da mesma vida de Jesus, cada um o faz de modo pessoal. Deus concedeu-nos talentos e virtudes particulares a cada um, uma personalidade única, um modo de ver o mundo que é somente nosso. Por isso, a fidelidade a Deus de cada um não é algo uniforme como a partir de um molde, mas pessoal, única, forjada na própria vida. Daí que não tenha sentido

comparar-nos, nem nos sentirmos julgados por esquemas fixos. “A fidelidade é fidelidade a um compromisso de amor, e o amor a Deus é o sentido último da liberdade. Tal liberdade de espírito dá a capacidade de amar o que se deve fazer, inclusive quando implica sacrifício e, então podemos experimentar o que Jesus garante: Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e vós encontrareis descanso. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve (Mt 11, 29-30)”^[14].

Finalmente, como filhos de Deus, todos somos irmãos; todos participamos igualmente da sua paternidade divina: todos *damos uma mão* a Deus sendo bons pais e boas mães dos outros. Em realidade, não podemos ser autores solitários de nossa vida, mas somos coautores com as pessoas que nos rodeiam: “Cada um, cuidadosamente, desenha e escreve na vida do outro”^[15]; somos os protagonistas da nossa história e formamos parte, ao mesmo tempo, da dos outros, no grande livro da vida. Entendemos que assim a fidelidade de quem está à nossa volta depende da nossa. E vice-versa: para a nossa fraqueza, há a fortaleza dos outros. Esta atenção e cuidado começa com as pessoas da nossa própria família, natural e sobrenatural, para chegar depois aos outros membros da Igreja. E como “de cem almas nos interessam as cem”^[16], estamos dispostos a servir a todos os que o Senhor coloca em nosso caminho. E é precisamente essa abertura de coração que fortalece a nossa fidelidade e a transforma em “uma força que conquista o tempo”.

^[1] John Donne, *Devotions upon Emergent Occasions*, Meditação XVII.

^[2] Mons. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022, n. 1.

^[3] São Tomás de Aquino, *Suma teológica*, II-II, c. 109, a. 3, r. 1.

^[4] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 111.

^[5] Francisco, ex. ap. *Amoris laetitia*, n. 132.

^[6] Guillaume Derville, “Uma fidelidade que se renova”, em opusdei.org.

^[7] Costuma-se assimilar “lealdade” à “fidelidade”; a primeira, não obstante, não se baseia necessariamente na confiança apoiada no amor de outro, e sim em aspectos que se identificam mais com a justiça; a “lealdade”, por isso, nem sempre se refere a outra pessoa, mas a ideias, valores ou instituições.

^[8] Mons. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022, n. 4.

^[9] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 116.

^[10] Bento XVI, Discurso, 11/06/2012.

^[11] Cfr. São João da Cruz, *Noche oscura del alma*, II, 8, 5.

^[12] São Josemaria, *Caminho*, n. 999.

^[13] B. Álvaro del Portillo, Carta pastoral, 19/03/1992, n. 50.

^[14] Mons. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022, n. 8.

[15] Francisco, ex. ap. *Amoris laetitia*, n. 322.

[16] Cfr. São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 9.

[Voltar ao índice](#)

Vale a pena! (2): Bendito quem confia no Senhor

“*Hi-fi*”: esse é um dos recursos fundamentais que esperamos de um equipamento para ouvir música. A *high fidelity*, alta fidelidade é uma garantia de que o som que reproduz se aproxima muito do original. O objetivo, tanto do equipamento como de quem ouve é procurar ter contato com o som inicial, com a primeira gravação, sem alterá-la. Trata-se da fidelidade compreendida como exatidão, como a capacidade de manter algo intacto.

No entanto, na cultura do antigo Oriente Médio, onde se realizou a revelação de Deus ao povo de Israel, o modo de compreender a fidelidade é um pouco diferente do indicado nesta acepção. A fidelidade não é associada à precisão, mas solidez, estabilidade, permanência ao longo do tempo; confiabilidade, lealdade e veracidade. Na linguagem bíblica a fidelidade também está fortemente vinculada à misericórdia paternal de Deus, âmbito no qual não tem sentido falar de exatidão.

Não como os outros deuses

Se procuramos na Sagrada Escritura uma definição completa de fidelidade, não encontraremos. Se recorremos, pelo contrário, aos livros sagrados perguntando-nos quem é fiel, tanto o Antigo como o Novo Testamento dizem de maneira rotunda: Deus é fiel^[1]. Mas, o que quer dizer que Deus é fiel? Por que a Bíblia destaca tanto a fidelidade do Senhor?

Por um lado, o Deus de Israel é fiel em contraste com os deuses dos povos vizinhos. “Deus é o fundamento da esperança – não um deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até o fim”^[2]. Os mitos pagãos mostram deuses que se comportam de modo volúvel e caprichoso; são às vezes, bons, às vezes, maus. Nunca se sabe como vão reagir, portanto, não é razoável confiar neles. No Egito e na Mesopotâmia, por exemplo, era frequente representar os deuses em forma de touro, leão, águia, dragão ou outros animais. O culto a essas divindades estava impregnado de atitudes semelhantes às que teríamos diante de um animal ameaçador: satisfazer sua fome, apaziguar sua raiva ou simplesmente não interromper seu descanso.

Não é o que acontece em Israel. A lei mosaica proíbe representar o Senhor com figuras de qualquer tipo^[3]. O Deus de Israel aceita sacrifícios e oferendas, mas não por padecer necessidades ou porque o seu ânimo depende disso^[4]. Que o Senhor seja fiel, em contraste com os falsos deuses, significa que não é caprichoso nem inconstante, que, de alguma forma, podemos intuir como vai atuar. Esta fidelidade não implica que o Senhor siga um modelo uniforme de conduta ou que seu modo de intervir na história seja repetitivo. Deus é livre, transcendente e soberano, “é todo o movimento e toda a beleza e toda a grandeza”^[5], de modo que a sua fidelidade à aliança não exclui a novidade (cf. Is 43, 16-19). O Senhor nos adverte, através do profeta Isaías, que Ele pode nos surpreender ou desconcertar:

“Meus pensamentos não são os vossos, nem vossos caminhos, meus caminhos – oráculo do Senhor – Tão elevados como os céus sobre a terra, assim são meus caminhos sobre os vossos caminhos e os meus pensamentos sobre os vossos pensamentos” (Is 55, 8-9). Deus sempre salva seu povo, mas nem sempre do modo que o povo espera. “Ele sempre pode, com sua novidade, renovar nossa vida e nossa comunidade e, embora a proposta cristã nunca envelheça, atravessa épocas obscuras e debilidades eclesiais”^[6].

Além daquela diferença, um desvio frequente da relação dos homens com Deus é querer controlá-lo ou usá-lo a nosso bel-prazer. A adivinhação e outras práticas semelhantes eram, por isso, severamente proibidas em Israel (cf. Lv 19, 26-31). Que Deus seja fiel à sua palavra não quer dizer que o seu modo de se comportar seja sempre o mesmo e, portanto, previsível e controlável por parte dos homens. Podemos estar certos de que nunca deixará de amar-nos, embora muitas vezes não saibamos como este amor vai se manifestar. A sua lógica sempre excede a nossa. Pode dar-nos, às vezes, mais do que havia prometido, ou pode cumprir uma profecia de uma forma inusitada. A “fidelidade não tem nada de estéril nem de estático; é criativa”^[7].

Um Deus “rico em misericórdia e fidelidade”

A Bíblia afirma que o Senhor é fiel em comparação com os falsos deuses dos povos vizinhos; ainda que, na realidade, o texto sagrado o afirme sobretudo em relação aos seres humanos: “A glória de Israel não mente nem se arrepende, porque não é um homem para arrepender-se” (1 Sm 15, 29). Ao contrário da nossa experiência humana, o Senhor diz sempre a verdade, não volta atrás em suas promessas: “Deus não é como um homem capaz de mentir, nem um filho de Adão para voltar atrás. Ele diz e não o faz? Fala e não cumpre?” (Num 23, 19). Só Deus é absolutamente sólido e confiável, só com Ele podemos construir com a certeza de que não seremos enganados. Por isso, Bento XVI diz: “Enquanto tudo passa e muda, a Palavra do Senhor não passa. Se as vicissitudes da vida fazem que nos sintamos perdidos e parece que toda certeza cai por terra, contamos com uma bússola para orientar-nos, temos uma âncora para não andar à deriva”^[8].

O livro do Êxodo conta que, depois do pecado do bezerro de ouro, Deus renovou a aliança com seu povo no monte Sinai. Antes de entregar a Moisés pela segunda vez as tábuas da lei, Deus passou na frente dele dizendo: “Senhor, Senhor, Deus compassivo e misericordioso, lento para a cólera e rico em misericórdia e fidelidade” (Ex. 34, 6). Costuma-se considerar essas palavras como uma segunda revelação do nome de Deus, depois da que havia acontecido antes, também com Moisés. Encontramos esta descrição de Deus repetida, com pequenas variações, em outras sete passagens, de diversos livros do Antigo Testamento^[9]. Por isso, São Josemaria diz: “Se percorrermos as Santas Escrituras, descobriremos constantemente a presença da misericórdia de Deus (...). Que segurança nos deve incutir a comiseração do Senhor”^[10].

Israel sabe, no entanto, que o seu Senhor é compassivo e fiel não simplesmente por tê-lo dito a Moisés no Sinai, mas sobretudo porque o povo o comprovou em sua própria história, em sua própria pele. Deus manifestou a sua fidelidade não simplesmente declarando-a, mas mostrando-a em suas obras. “Senhor, Tu és meu Deus, quero exaltar-te, louvar teu Nome, porque fizeste maravilhas. Teus

desígnios são desde sempre fidelidade”^[11] – diz o profeta Isaías. Israel é testemunha, repetidas vezes, de que a misericórdia de Deus não desaparece frente às infidelidades humanas. “O Senhor é bom: sua misericórdia é eterna, e sua fidelidade se estende de geração em geração” (Sl, 100, 5) canta o salmista. “Cantarei eternamente as bondades do Senhor; minha boca publicará sua fidelidade de geração em geração” (Sl 89, 2).

No *Magnificat*, Santa Maria expressa esse modo de ser de Deus, tão claro para quem lê a história sagrada. A mãe de Jesus louva a Deus por ter olhado para sua humildade, por ter feito coisas grandes nela, “recordando sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, Abraão e sua descendência para sempre” (Lc. 1, 54-55). São João Paulo II dizia que “no *Magnificat*, canto verdadeiramente teológico por revelar a experiência do rosto de Deus vivida por Maria, Deus é não só Poderoso, para quem nada é impossível, como Gabriel tinha declarado (Cf. Lc. 1, 37), mas também o Misericordioso, capaz de ternura e fidelidade para com todo ser humano”^[12].

Jesus é o cumprimento das promessas

A fidelidade é um atributo que define a Deus em sua relação com os homens, especialmente com seu povo em virtude da aliança. E, para descrever a força desta aliança, os profetas recorrem a algumas imagens. Uma delas é a do matrimônio, que encontramos desenvolvida sobretudo nos livros de Oséias, Jeremias e Ezequiel. Tal imagem ressalta a misericórdia do Senhor, que está disposto a perdoar e restabelecer a aliança apesar das repetidas infidelidades de Israel. Outra imagem é a da paternidade e maternidade. O livro de Isaías utiliza-a várias vezes, de modo comovedor, para sublinhar como Deus não abandonará nunca o seu povo: “Sião tinha dito: ‘O Senhor abandonou-me, o Senhor esqueceu-me’. Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta: Não ter ternura pelo fruto de suas entranhas? E mesmo que ela o esquecesse, eu não te esqueceria nunca. Eis que estás gravada na palma de minhas mãos” (Is 49, 14-16).

Jesus retoma toda essa herança de fidelidade e de misericórdia, plasmada no Antigo Testamento, para revelar a continuidade dessa ação divina em sua pessoa. Por exemplo, ele repete o oráculo em que Isaías nos recordava que Deus nunca nos esquece: “Jerusalém, Jerusalém!, que matas os profetas e lapidas os que te são enviados. Quantas vezes quis reunir teus filhos, como a galinha reúne seus pintinhos sob as asas, e tu não quiseste” (Mt 23, 37). Jesus Cristo sente dor pela rebeldia dos homens, pela sua dureza de coração, frente à insistência, a fidelidade, do amor de Deus.

Inspirando-se também numa passagem do profeta Isaías em que apresenta Israel como a vinha do Senhor (cf. Is. 5, 7), Jesus resume a história da fidelidade de Deus diante da infidelidade humana com a parábola dos vinhateiros homicidas (cf. Mc. 12, 1-12). A parábola conta que o dono da vinha, depois de sucessivas tentativas, por meio de vários servos, de receber os frutos que lhe pertenciam, decide enviar seu filho como último recurso. Os vinhateiros, porém, matam-no. Da mesma forma, a vinda de Jesus, o Filho único de Deus e a sua morte na cruz levam “até o fim” a fidelidade e misericórdia do Deus de Israel (cfr. Jo 13,1). Depois de enviá-lo para que morresse por nós e de elevar sua humanidade ressuscitada acima de toda a criação, Deus já não pode fazer nada maior (cf. Hb 1, 1-2).

Em sua pregação do Evangelho, os apóstolos mostram uma consciência de que o mistério pascal de Cristo – sua paixão, morte e ressurreição – é precisamente o cumprimento da fidelidade de Deus a suas antigas promessas. Jesus é “o Amém, a testemunha fiel e veraz” (Ap. 3, 14), diz o livro do Apocalipse. Na segunda carta de São Paulo aos Coríntios, está a declaração mais explícita a este respeito: “Pela fidelidade de Deus, é que a palavra que lhes dirigimos não é sim e não. Porque Jesus Cristo, o Filho de Deus – que lhes pregamos Silvano, Timóteo e eu – não foi sim e não, mas nele se fez realidade o sim. Porque todas as promessas de Deus são sim em Jesus” (2 Cor 1, 18-20). Esta convicção passou à fé da Igreja, que proclamou constantemente Jesus como o fiel cumprimento de tudo o que Deus havia prometido (Cf. 1 Cor 15, 3-4).

Se não somos fiéis, ele permanece fiel

Em uma passagem da Carta aos Romanos, São Paulo fala daqueles que não acreditaram em Cristo durante a sua passagem pela terra e destaca a grandeza do Senhor: “Se alguns deles não foram fiéis, acaso a sua infidelidade destruirá a fidelidade de Deus? De modo algum!” (Rm 3, 3-4). Podemos pôr plenamente nossa confiança em Deus. “Uns põem sua força nos carros, outros nos cavalos; nós invocamos o Nome do Senhor, nosso Deus” (Sl 20, 8), diz o salmista. “Pois, quem é Deus, senão o Senhor? Quem é o rochedo, senão o nosso Deus?” (2 Sm 22, 32), diz o Rei Davi. Só de Deus se pode afirmar que é o rochedo onde apoiar-se sem medo e procurar proteção. A aplicação a Deus do termo “Rochedo” é tão frequente no Antigo Testamento^[13], que se diz às vezes simplesmente “o Rochedo” e se entende que é dele que se está falando.

Ao insistir na fidelidade de Deus, muitas vezes em contraste com a inconstância dos homens, pode parecer que a Sagrada Escritura não deixa muito espaço para a fidelidade humana. Porém, mais do que uma visão pessimista das nossas forças, trata-se de uma afirmação realista e profunda da nossa pequenez frente a seu poder. Compreende-se melhor assim o duro oráculo transmitido por Jeremias: “Maldito o homem que confia em outro homem, que da carne faz seu apoio e cujo coração vive distante do Senhor! Assemelha-se ao cardo da charneca e nem percebe a chegada do bom tempo, habitando o solo calcinado do deserto, terra salobra em que ninguém reside. Bendito o homem que deposita a confiança no Senhor, e cuja esperança é o Senhor. Assemelha-se à árvore plantada perto da água, que estende as raízes para o arroio; se vier o calor ela não temerá, e sua folhagem continuará verdejante; não a inquieta a seca de um ano, pois ela continua a produzir frutos” (Jr 17, 5-8).

A lição dessa passagem, assim como de outras, é que o ser humano não pode ser fiel no mesmo sentido em que Deus é. A resposta humana à fidelidade do Senhor não é uma conduta sem mancha, sem fissuras, mas a fé (cf. Gn 15, 6; Hb 11, 1). De fato, em hebraico emprega-se o mesmo verbo para dizer que Deus é fiel e que um homem crê nele. O Novo Testamento chama “fiéis” àqueles que creem em Jesus Cristo e o seguem (cf. At 10, 45). O que o Senhor quer de nós não é que sejamos firmes e sólidos como Ele, o que seria impossível, mas que depositemos nele toda nossa confiança, como Maria e como os santos “porque é fiel aquele cuja promessa aguardamos” (Hb 10, 23). E o Senhor quer, sobretudo, que reconheçamos nossas ofensas e lhe peçamos perdão. “Se dizemos que não temos pecado, nos enganamos a nós mesmos e a verdade não está em nós – diz a

primeira carta de São João – se reconhecemos nossos pecados, Deus é fiel e justo para nos perdoar os pecados e para nos purificar de toda iniquidade” (1 Jo 1, 8-9). Embora sejamos pecadores, o Senhor não nos deixa nunca sozinhos. “Se não somos fiéis, Ele continua fiel, e não pode desdizer-se” (2 Tm 2, 13).

“Nossa fidelidade não é senão uma resposta à fidelidade de Deus. Deus que é fiel à sua palavra, que é fiel à sua promessa”^[14]. Por isso “A fé na fidelidade divina fortalece a nossa esperança, apesar da nossa debilidade pessoal levar-nos às vezes a não ser totalmente fiéis, em coisas pequenas e talvez, em algum momento, em grandes. A fidelidade consiste, então, em percorrer – com a graça de Deus – o caminho do filho pródigo”^[15]. O importante é voltar sempre àquele que sempre cumpre a promessa, regressar com fé ao Rochedo que sempre nos espera.

Juan Carlos Ossandón

^[1] cf. Dt. 32, 4; 1 Cor 1, 9; 1 Ts 5, 24 e outros.

^[2] Bento XVI, *Spe salvi*, n. 31

^[3] cf. Ex 20, 4; Lv 19, 4.

^[4] cf. Sl 50, 7-15; Dn 14,1-27.

^[5] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 190.

^[6] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 11

^[7] Bento XVI, Homilia, 12/09/2009.

^[8] Bento XVI, *Ângelus*, 12/12/2010.

^[9] Cf. Nm 14, 17-18; Dt. 7, 9-10; Sl 86, 15; 145, 8; Jl. 2, 13; Jn 4, 2 e Na 1, 3.

^[10] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 7.

^[11] Is 25, 1.

^[12] São João Paulo II, Audiência, 6/11/1996.

^[13] Cf., por exemplo, Dt 32, 4; 1 Sm 2, 2; 2 Sm 22,2; Sl 19, 15; 28, 1; 71, 3; Is 17, 10; Hab 1, 12; e outros.

^[14] Francisco, Homilia, 15/04/2020.

^[15] Mons. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022.

[Voltar ao índice](#)

Vale a pena! (3): para fazer do tempo um aliado

Às vezes basta ler algumas páginas da vida de Jesus para sentir com Ele a alegria e o cansaço de evangelizar. Como naquele dia em que tinha multiplicado os pães e os peixes para alimentar milhares de pessoas. Depois, nessa mesma noite, aproximou-se da barca dos discípulos caminhando sobre a água; e, finalmente chegados a Genesaré, curou todos os doentes (cf. Mt 14, 13-36). Para aqueles que seguiam Cristo devem ter sido jornadas inesquecíveis. O seu amor e o seu poder enchiam os corações das pessoas simples, que se deixavam interpelar pela novidade que tinham diante dos olhos. Mas também lemos que isto não acontecia com todos. Precisamente nesses mesmos dias, alguns líderes religiosos, aparentemente preocupados pela fidelidade a Deus através do cumprimento de mil preceitos externos, perguntam a Jesus: “Por que os teus discípulos desobedecem à tradição dos antigos?” (Mt 15, 2). É grande o contraste entre o simples e o complicado. Os escribas acusam Jesus e os seus discípulos de serem infiéis e descuidados na sua relação com Deus. Mas o Senhor aproveita a ocasião para mostrar onde está o núcleo de uma vida autenticamente fiel.

Uma fidelidade à base de conversões sucessivas

Uma vida verdadeiramente fecunda, pela qual Deus chama a alguém “servo bom e fiel”, não está nem nas meras palavras, nem no mero cumprimento de preceitos externos, porque ambas as coisas podem acontecer sem que exista verdadeira fidelidade no coração. Jesus recorre a frases fortes do profeta Isaías para expressar isto: “Desse modo, anulastes o mandamento de Deus em nome de vossa tradição. Hipócritas! O profeta Isaías profetizou bem a vosso respeito: ‘Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. É inútil o culto que me prestam: as doutrinas que ensinam não passam de preceitos humanos’” (Mt 15, 6-9). Quando se vive deste modo, explica Bento XVI, “a religião perde o seu significado autêntico, que é viver à escuta de Deus para fazer a Sua vontade (...), e assim viver bem, em verdadeira liberdade; e reduz-se à prática de costumes secundários que satisfazem sobretudo a necessidade humana de se sentir bem com Deus”^[1].

Certamente vários dos mestres da lei que nesse momento viviam com essa piedade externa e essa tendência para detectar as quedas dos outros, tinham saboreado em sua juventude a experiência do Deus verdadeiro. Naquele momento longínquo tinham respondido com generosidade, com verdadeira alegria, à doce insinuação de partilhar a vida com Deus. Podemos ter considerado isto em mais de uma ocasião, diante de passagens deste tipo. Mas o que aconteceu com esse primeiro amor? Certamente, não poderíamos dizer que aqueles escribas foram *fiéis* apenas porque nunca deixaram a sua profissão de líderes religiosos. Mas então, que é a fidelidade?

Quando São Josemaria reflete sobre o tipo de relação que une um cristão à Igreja, deixa claro que não se trata de um simples “permanecer”. Não se trata

simplesmente de constar na certidão de batismo, assistir a certas cerimônias e estar registrado como membro: “o cristianismo não é um caminho cômodo: não basta *estar* na Igreja e deixar que os anos passem. Na nossa vida, na vida dos cristãos, a primeira conversão – esse momento único, que cada um de nós recorda, e em que se percebe claramente tudo o que o Senhor nos pede – é importante; mas ainda mais importantes, e mais difíceis, são as sucessivas conversões”^[2]. A verdadeira fidelidade não tem nada de passivo: não é um simples “não estar fora”, exige uma atitude viva, aberta à novidade do tempo, feita de “sucessivas conversões”. Para construir uma vida fiel devemos ter em conta que somos seres temporais, biográficos: construímo-nos ao longo do tempo.

A falsa segurança do imediato

O desejo de compreender com profundidade a realidade do tempo chamou a atenção de pensadores e artistas, desde a antiguidade até os nossos dias. No cinema, por exemplo, há muitas histórias que fazem experiências com o tempo: jogando com uma hipotética possibilidade de o interromper, de o fazer avançar ou retroceder, ou inclusive de o eliminar. A duração faz parte do mistério da vida humana. “Meu espírito arde no desejo de penetrar nesse intrincadíssimo mistério”^[3], confessa Santo Agostinho. Esta relação com o tempo adquire matizes especiais nos nossos dias, numa cultura cada vez mais acostumada ao imediatismo. Diante da possibilidade de viver “aqui e agora” muitos aspectos da nossa existência, desde a comunicação até à obtenção de bens ou emoções, torna-se estranho e inacessível tudo o que exige a passagem do tempo para frutificar, para desenvolver a sua beleza, para crescer. E a fidelidade encontra-se entre este tipo de experiências.

“Tempo” pode significar oportunidade, crescimento, vida..., mas também lentidão, fugacidade, tédio. Como ver no tempo um aliado, mais do que um inimigo? Como ver no tempo o canal querido por Deus para que cresça em nós uma vida feliz, cheia de fecundidade, de companhia e de paz? A fidelidade, não sendo nem uma emoção imediata nem um prêmio instantâneo, está sempre acompanhada por alguma incerteza, por indeterminação; está sempre sendo realizada. E isto é bom porque exige de nós uma atitude constante de atenção; leva-nos a ser sempre criativos no amor.

Como se trata de um bem que surge entre duas pessoas, a fidelidade está sempre exposta à tentação de querer substituir esta “incerteza positiva”, que precisa de tempo, com seguranças construídas por nós mesmos. No entanto, nestas “seguranças” o outro costuma ficar de fora. Podemos ser tentados a eliminar mentalmente a outra pessoa, para a substituir por uma certeza imediata, criada à nossa medida. É o que às vezes acontece com o povo de Israel na sua relação com Deus: a Bíblia mostra a fina fronteira que separa a fidelidade ao verdadeiro Deus da idolatria, a fé no que podemos construir e controlar com as nossas próprias mãos.

Impressiona a cena do povo amado por Deus construindo uma figura de metal para adorar. “Todo o povo arrancou os brincos de ouro que usava e os trouxe para Aarão. Recebendo o ouro, preparou um molde com o cinzel e fez um bezerro fundido. Então disseram: ‘Aí tens, Israel, os teus deuses que te fizeram sair do Egito!’” (Ex 32, 3-4). O que é que os levou a uma tal confusão? O que é que os fez

pensar que tinham sido abandonados por quem na realidade os tinha resgatado e acompanhado no caminho? A resposta nos é dada pelas próprias páginas da Sagrada Escritura: fizeram-no porque “Moisés demorava a descer do monte” (Ex 32, 1). Foram traídos pela sua própria urgência em acelerar os tempos de Deus; deixaram-se levar pela necessidade de ter um seguro à mão, medível, quantificável, em vez de se abandonar à segurança da fé.

Que diferença existe então entre a idolatria e fidelidade? Adoramos falsos deuses quando nos deixamos seduzir pela busca da segurança; mas não uma segurança apoiada no amor da outra pessoa, no dom que é o outro, mas uma segurança baseada na autoafirmação: na garantia de que somos capazes de ter o controle. Estas idolatrias encontraram muitas variações ao longo dos séculos que nos separam daquele episódio do bezerro de ouro. Hoje também assumem diversas formas: pessoas em quem colocamos expectativas que só Deus pode satisfazer; a nossa carreira profissional, como lugar no qual colher aplausos; um *hobby* que preenche o tempo que devemos ocupar com os nossos seres queridos; ou inclusive aspectos da nossa piedade que em algum momento nos levaram ao verdadeiro Deus.

Em momentos de dificuldade, quando se agita o nosso interior e queremos fugir da vertigem do tempo, quando queremos afirmar que importamos, que não somos insignificantes, podemos cair na tentação de construir deuses de metal. Fidelidade significa deste modo desmascarar essas seguranças de “papel machê” e pôr a nossa confiança em Deus. “A fé é base da fidelidade. Não confiança vã em nossa capacidade humana, mas fé em Deus, que é fundamento da esperança”^[4].

Os afetos ajudam-nos a conhecer a verdade

“A fidelidade abarca todas as dimensões da nossa vida, pois implica a pessoa em sua integridade: inteligência, vontade, sentimentos, relações e memória”^[5]. Por isso Jesus reclama para Deus não só palavras nem só o cumprimento de certos preceitos externos, mas o coração: “Misericórdia eu quero, não sacrifícios”, diz em outra ocasião, citando o profeta Oseias (cf. Mt 9, 13). Quando um fariseu pergunta sobre o mandamento mais importante, responde também com palavras da Escritura: “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento! Esse é o maior e o primeiro mandamento” (Mt 22, 37-38).

Nas suas catequeses sobre o Espírito Santo, São João Paulo II explicava como a terceira pessoa da Santíssima Trindade “penetra e mobiliza todo o nosso ser: inteligência, vontade, afetividade, corporeidade, para que o nosso ‘homem novo’ impregne o espaço e o tempo da novidade evangélica”^[6]. O Senhor, precisamente porque deseja a nossa felicidade, não nos quer interiormente fraturados: empenha-se em que vivamos uma relação transparente com Ele, integrando cada vez mais nela a nossa inteligência, os nossos desejos, as nossas emoções e as nossas pequenas ou grandes decisões... tudo em constante amadurecimento no decurso do tempo. Para construir relações cheias de fidelidade, é fundamental esse desenvolvimento harmonioso das nossas faculdades.

“Quero também que tenhais afetos – dizia, neste sentido, São Josemaria –, porque se uma pessoa não põe o coração no que faz, é pouco agradável e espiritualmente

deformada”^[7]. Com frequência, no final de muitos dos seus encontros, o fundador do Opus Dei abençoava “os afetos”, os sentimentos das pessoas que tinham ido ouvi-lo, justamente porque é necessário pôr o coração no que fazemos.

“Verdadeiro homem, Jesus vivia as coisas com grande emotividade. Por isso, sofria com a rejeição de Jerusalém (cf. Mt 23, 37) e, por esta situação, chorou (cf. Lc 19, 41). Compadecia-Se também à vista da multidão atribulada (cf. Mc 6, 34). Vendo os outros chorar, comovia-Se e turbava-Se (cf. Jo 11, 33), e Ele mesmo chorou pela morte de um amigo (cf. Jo 11, 35). Estas manifestações da sua sensibilidade mostravam até que ponto o seu coração humano estava aberto aos outros”^[8].

A afetividade é um espaço de formação, de crescimento, de aprendizagem; diz-nos coisas verdadeiras sobre nós e sobre as nossas relações. Integrar este aspecto na nossa resposta a Deus é imprescindível para poder tomar decisões que envolvam a nossa vida no tempo. Neste campo, é preciso estar atento para evitar dois extremos: o de quem nega o valor dos afetos, optando por os silenciar e fingir que não existem; ou o de quem converte o impulso afetivo na única instância de decisão. Em ambos os casos, o resultado é uma fragilidade que costuma desembocar ou na rigidez de quem se amarra a algum ídolo ou na desorientação de quem muda continuamente de rumo, deixando-se levar pela percepção mais imediata. Nenhuma das duas opções gera o terreno onde pode crescer uma fidelidade alegre. Se não aprendermos a conectar as nossas emoções com a realidade que nos rodeia e com a nossa própria, surge o medo pelo futuro, o temor às grandes decisões, a fragilidade do “sim, quero” que um dia dissemos. Pelo contrário, uma formação afetiva que também envolva a inteligência possibilita uma vida estável, na qual se desfruta das coisas boas e se leva com serenidade as menos boas.

Despertar a nossa vocação ao amor

Em outro desses dias cansativos, Jesus descansa junto ao poço. Uma mulher que não pertence ao povo judeu encontra-O ali. O Senhor conhece o coração da samaritana: sabe que teve uma vida tormentosa, que sofreu muito, que o seu coração está cheio de feridas. E justamente porque conhece o seu interior, os profundos desejos de felicidade que a movem, essas ânsias de uma verdadeira paz, introduz-se rapidamente no fundo da sua vida. “Disseste bem que não tens marido. De fato, tiveste cinco maridos, e o que tens agora não é teu marido” (Jo 4, 17-18), diz-lhe. A samaritana talvez tivesse se conformado com a conclusão de que a fidelidade não é possível; talvez pensasse inclusive que não estamos feitos para coisas tão grandes.

Pode ser que tenhamos tido experiências semelhantes na nossa vida ou na de pessoas de quem gostamos. Mas tudo isso não é obstáculo para recomeçar uma vida de fidelidade, que é sinônimo de felicidade. Jesus fala-nos como a esta mulher, que apesar de não saber está a poucos minutos de se converter em discípula, de reescrever a sua vida: “quem beber da água que eu darei, nunca mais terá sede, porque a água que eu darei se tornará nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna” (Jo 4, 14). Jesus sabe como entrar no coração ferido desta mulher: “dirigiu uma palavra ao seu desejo de amor verdadeiro, para a libertar de tudo o que obscurecia a sua vida e guiá-la para a alegria plena do Evangelho”^[9]. Cristo sintoniza com a profunda vocação ao amor da samaritana, toma conta da sua história e convida-a a uma nova conversão: é a “chamada do

amor de Deus ao nosso amor, em uma relação na qual a fidelidade divina tem sempre a precedência”^[10].

[1] Bento XVI, *Ângelus*, 2/09/2012.

[2] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 57.

[3] Santo Agostinho, *Confissões*, XI, XXII.

[4] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 19/03/2022, n. 7.

[5] *Ibid.*, n. 1.

[6] São João Paulo II, *Audiência*, 21/10/1998.

[7] São Josemaria, notas de uma reunião familiar, 2/10/1972.

[8] Francisco, *Amoris Laetitia*, n. 144.

[9] Francisco, *Amoris Laetitia*, n. 294.

[10] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 19/03/2022, n. 2.

[Voltar ao índice](#)

Vale a pena! (4): De geração em geração

“O Senhor desfaz os planos das nações pagãs, reduz a nada os projetos dos povos” (Sal 33,10). Este verso do salmista poderia parecer um tanto severo, se pensarmos em nossos projetos pessoais. No entanto, se prestarmos atenção, o salmo se refere concretamente à fragilidade do que é construído quando se prescinde de Deus, colocando o cimento “sobre areia” (cf Mt 7,26). Por isso o salmista continua: “os desígnios do Senhor permanecem eternamente e os pensamentos de seu coração por todas as gerações” (Sal 33,11). A Sagrada Escritura lembra-nos de muitas formas a fraqueza daquilo que é puramente humano, por mais forte que pareça diante da enorme solidez das coisas que Deus inicia na história, apesar de sua aparente fragilidade. E o Opus Dei é justamente um desses projetos do coração de Deus que, com o tempo, se expande de geração em geração.

Com o frescor daquele 2 de outubro de 1928

Se tivéssemos que resumir em uma só frase o grande “projeto” do coração de Deus que é o Opus Dei, provavelmente poderíamos usar aquelas palavras de Jesus que ressoaram no coração de São Josemaria no dia 7 de agosto de 1931: “E quando eu for levantado da terra, atrairei todos os homens a mim” (Jo 12,32). Na realidade, este projeto do Senhor é muito mais antigo que a Obra: é um plano que vem se desenvolvendo há mais de dois mil anos, que explica a razão de ser da vida de toda a Igreja; um projeto ao que homens e mulheres de toda raça, língua, época e condições são convocados para formar um só povo. No entanto, em 2 de outubro de 1928, Deus quis dar um novo impulso a esse projeto, criando uma nova família no seio da sua Igreja. Assim São Josemaria sintetizava a intuição daquele momento: “Que haja em todos os lugares do mundo cristãos com uma dedicação pessoal e libérrima, que sejam outros Cristos”^[1].

A Obra é muito jovem em comparação com a Igreja e com tantas instituições que surgiram ao longo da sua história. Ainda assim, aproxima-se o seu primeiro centenário, e ao perceber como as circunstâncias históricas referentes ao momento fundacional se transformaram, é lógico que nos perguntemos pelo modo de continuar sendo fiéis a este carisma divino. “O centenário será um tempo de reflexão sobre a nossa identidade, história e missão”^[2], escreveu o prelado do Opus Dei. Enche-nos de paz a ideia de estender, sob o amparo da Igreja, esta inquietação por ser cada vez mais fiéis. O Espírito Santo soube fazer da sua Igreja um povo fiel em meio a tantas adversidades da história, alentando-a para que não perdesse o seu frescor e a sua fecundidade. Por isso, é exatamente a partir de dentro da Igreja que poderemos transmitir o Opus Dei às gerações futuras, “com a mesma pujança e frescura de espírito que o nosso Padre tinha em 2 de outubro de 1928”^[3]. Contribuir a esta fiel continuidade também faz parte do nosso caminho.

Para ser milícia, cuidemos da família

São Josemaria utilizava com frequência o binômio “família e milícia” para descrever a natureza da nova realidade que Deus lhe havia pedido que fundasse. Por isso, uma continuidade fiel tem muito a ver com custodiar a atualidade desta descrição, com manter bem oxigenados estes dois pulmões. Lembrar que a Obra foi querida por Deus como uma família irá nos ajudar, em primeiro lugar, a ter presente que os laços que nos unem não são primariamente frutos da nossa livre escolha, mas da aceitação de um dom recebido, do mesmo modo que não escolhemos os nossos pais nem os nossos irmãos. O peso que as afinidades de caráter, de idade ou de outro tipo possam ter é secundário: não é decisivo na hora de oferecermos o nosso afeto. Por isso dom Javier, segundo sucessor de São Josemaria, repetia com frequência: “Que vocês se amem”. É um convite para redescobrir a vida dos nossos irmãos, a não excluir ninguém da nossa amizade.

Este caráter de família do Opus Dei tem, também, desde o princípio, dois traços fundamentais que poderíamos resumir assim: somos um *lar* e temos um *ar de família*. O lar é o espaço que permite a intimidade e o crescimento em um clima agradável, de afeição mútua. Salta à vista, então, a importância que tem para a continuidade fiel o trabalho da Administração dos centros do Opus Dei – “apostolado dos apostolados”, como São Josemaria o chamava – e a necessidade do empenho de cada um por *fazer lar*.

Por sua vez, como acontece em todas as casas, também temos um *ar de família* próprio, único, reconhecível em qualquer lugar, mas que apresenta também toda a variedade da extensão territorial da Obra. Este *ar* está marcado pela secularidade, somos cristãos no meio do mundo, iguais aos outros, pela elegância de quem valoriza a boa educação na convivência, e pela nossa própria história. Os costumes tradicionais da vida de família, que nos vinculam com a nossa origem, nos ajudam a saber-nos parte de algo que nos transcende. Dão-nos uma base para situar-nos no mundo adequadamente: não como indivíduos isolados, mas precisamente como membros de uma família. Além disso, os centros do Opus Dei sempre foram lares abertos a todos os que quiserem participar das suas atividades “devem ser lugares onde muitas pessoas encontrem um amor sincero e aprendam a ser amigas de verdade”^[4].

Por outro lado, lembrar que o Opus Dei é milícia significa compreender nossa vida como a de Jesus. Considerando que “não é possível separar em Cristo o seu ser de Deus-Homem da sua função de Redentor”^[5], também os cristãos não podemos entender o apostolado como uma mera atividade externa, mas como algo constitutivo: “não fazemos apostolado, somos apóstolos”^[6]. Nesse sentido, o Papa Francisco enfatizou que “a nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados. Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização, porque, se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo”^[7]. A Obra foi e é milícia porque existe para levar a felicidade da vida com Deus a todos os homens.

Do deslumbramento ao amor

O primeiro capítulo de *Forja* recolhe muitas reflexões de São Josemaria em torno à vocação. O capítulo tem como título “*Deslumbramento*” porque uma chamada de

Deus, quando é autêntica, supõe uma deslumbrante ampliação de horizontes, uma revelação do amor pessoal de Deus por cada um. O centro luminoso deste deslumbramento só pode ser Jesus. É Ele que chama e é a Ele que respondemos. No entanto, todos experimentamos como Cristo se serve da atração que os cristãos suscitam para se dar a conhecer: a Igreja participa da sua beleza (cf. Ef 5,27). Por isso, a chamada de Cristo a segui-lo no Opus Dei está unida a um deslumbramento diante da vida desta família: de um modo ou outro, todos intuimos que este era *nosso lugar* para viver junto a Deus.

Se pensarmos em nossa vocação ao Opus Dei a partir da analogia com a experiência do amor humano, podemos encontrar algumas luzes para o nosso caminho. No amor entre esposos, a passagem do tempo permite progredir da *paixão* ao *amor*. Trata-se de um progresso – não de um retrocesso – no qual um tipo de entusiasmo pode decair, em que aparecem diante de nossos olhos as debilidades da pessoa amada. Mas é precisamente essa conscientização, esse contato com a realidade, o que permite que surja o amor verdadeiro: um amor pelo que a pessoa é capaz de se entregar a alguém que não é perfeito, com a convicção de que é quem dá sentido à sua vida. Neste progresso, ambos encontrarão cada vez mais motivos para se amarem, e sua vida juntos adquirirá uma solidez que não tinha nos primeiros momentos. Se, por outro lado, deixam que a tibieza e o desencanto invadam a sua alma, o amor retrocederá. Essa necessária passagem da paixão ao amor não se produzirá. A tibieza, com efeito, é uma doença da vontade, que parece incapaz de se mover quando passa o entusiasmo. O desencanto, por sua parte, é um defeito da inteligência, incapaz de assumir adequadamente a imperfeição própria e alheia. São, pois, dois inimigos que convém desmascarar para poder viver de amor ao longo de toda a vida.

Compreenderemos, em primeiro lugar, que um *deslumbramento* pela Obra, como caminho de união com Jesus, constitui um sinal de vocação do qual não é possível prescindir na tarefa de discernimento. Saberemos, depois, valorizar o positivo de passar desse deslumbramento inicial a uma consideração mais serena da realidade, a um deslumbramento mais profundo, mais maduro, superando situações ideais que nos incapacitariam para amar. Finalmente, chegaremos a poder ler a nossa vida na daqueles nossos irmãos e irmãs que “nos precederam no caminho e nos deixaram um testemunho precioso desse *vale a pena*”^[8].

Aumentar a herança

É característico de uma família deixar uma herança, muitas vezes material, à geração seguinte. De fato, ao longo da história, o ato de deserdar um filho foi considerado um dos castigos mais terríveis que um pai pode infligir. Por outro lado, também é característico da família o desejo de aumentar a herança recebida, para passá-la, melhorada, às gerações sucessivas. Com o transcorrer dos anos, os homens e mulheres que vão se incorporando ao Opus Dei recebem uma herança *aumentada* pelos que os precederam. Assim, ao espírito que Deus entregou a São Josemaria, herança fundamental da qual a Obra não pode *descapitalizar*, somam-se tanto alguns modos de viver nosso espírito, próprios de cada momento, como algumas obras de apostolado corporativo, fruto da magnanimidade de quem nos precedeu. Tarefa de cada geração será transmitir o espírito da Obra vivo e exuberante, adaptando aquelas materializações acidentais, fruto de cada tempo, e renovando o impulso que as diferentes obras apostólicas corporativas requerem.

Esta empresa de aumentar a herança do Opus Dei exige, em primeiro lugar, um importante empenho pessoal por formar-nos no espírito da Obra e por penetrarmos sempre mais na vida de São Josemaria, conscientes de que foi o transmissor de um carisma divino. São as obras de Deus as que fecundam a história, e não as ocorrências humanas, por brilhantes que possam parecer à primeira vista. Por isso, será cada vez mais importante aprofundar na compreensão do que Deus quis em 2 de outubro de 1928.

Em segundo lugar, convém que sintonizemos vitalmente com uma convicção de São Josemaria que nos ajudará a “ser Opus Dei” em nossas próprias coordenadas espaço-temporais: a radical modernidade do Evangelho em relação às diferentes culturas, sendo que é o primeiro que vivifica as segundas. Deste modo, o verdadeiramente novo – o Evangelho, lido também sob a luz do carisma do Opus Dei – iluminará as sombras de algumas manifestações culturais, aparentemente modernas, que nascem da confusão e da mentira do pecado. Isso requer distinguir com sabedoria e delicadeza o que conforma o espírito do que é uma materialização que pode mudar e, de fato, mudou no tempo. Neste âmbito, o Papa anima a todos os cristãos a não se refugiarem no “sempre se fez assim”, porque essa atitude “mata: mata a liberdade, a alegria, a fidelidade ao Espírito Santo que vai sempre em frente, levando a Igreja adiante”^[9].

São Josemaria resumia em uma frase expressiva a novidade perene do espírito da Obra: é, dizia, “velho como o Evangelho, e, como o Evangelho, novo”^[10]. A consciência serena desta modernidade nos encaminha a um apostolado livre e responsável, que se adapta a cada um “como uma luva à mão”, para poder transmitir o Evangelho em nosso mundo. “Jesus Cristo ama especialmente aqueles que procuram ter a vida que Ele quis e pregou”, escreveu em uma ocasião. “E o Opus Dei, sem normas acidentais rígidas, para não entorpecer com disposições antiquadas a adaptabilidade da Obra ao tempo, com realidades de união, de paz e de caridade, cria uma organização de católicos cultos e consequentes para a atuação social e pública”^[11].

Por último, aumentar a herança do Opus Dei requer também – Deus e a Obra contam com isso – criatividade para revitalizar, quando for conveniente, as obras de apostolado já existentes, e para dar lugar a tantas outras novas, de tipos muito diferentes. A fidelidade institucional nos levará às vezes a esforçar-nos por manter as obras que outros iniciaram, dando-lhes o vigor que cada época precisar. Melhorar o que os outros iniciaram é um sinal de maturidade em quem faz parte de uma instituição que avança no tempo.

Uma paternidade que continua

Ainda que muitas vezes no debate cultural tenham anunciado a “morte do pai” como requisito para a emancipação do ser humano, as consequências desta proposta estão à vista de todos e falam por si mesmas: as pessoas estão mais sozinhas e, por isso, são mais vulneráveis. Algo que procurava conduzir à liberdade levou a uma maior escravidão. Em uma família, o pai não é, no final das contas, um obstáculo para a liberdade, mas uma condição necessária para que a própria família exista e cumpra a sua missão: capacitar-nos para amar, oferecer-nos um lugar seguro para crescer de maneira saudável.

No Opus Dei, a paternidade confiada a nosso Padre continua na figura de seus sucessores. Esta paternidade nos lembra que somos filhos amados do Pai do céu, anima o nosso amor a Deus e aos outros, sustenta-nos na fidelidade às chamadas de Deus e à herança familiar – o espírito da Obra – que corresponde a todos nós cuidar. O fato de que corresponda ao prelado do Opus Dei, junto com os Conselhos que o ajudam em sua tarefa, o discernimento do que pertence ao espírito da Obra e do que é mutável^[12], não responde a critérios de organização institucional, mas à natureza familiar do Opus Dei dentro da Igreja. A paternidade na Obra é, por isso, mais uma prova da misericórdia de Deus conosco. É uma manifestação de que “o céu está empenhado em que se realize”^[13].

“Penso na Obra e fico *abobado*”^[14]. Estas palavras de São Josemaria não refletem a emoção passageira de um amor adolescente, incapaz de perceber as dificuldades, e que anula a capacidade de melhora. Refletem, ao contrário, o amor vivo de quem deixa que a graça de Deus trabalhe em seu coração, ano após ano. Para ser eles desta corrente, na história que começou em 1928, precisamos de um coração assim.

Nicolás Álvarez de las Asturias

[1] Cf Andrés Vázquez de Prada, *O fundador do Opus Dei*, 1, p. 48.

[2] Mons. F. Ocáriz, Mensagem, 10/06/2021.

[3] Mons. F. Ocáriz, Carta Pastoral 19/03/2022, n. 12.

[4] Mons. F. Ocáriz, Carta Pastoral 1/11/2019, n. 6.

[5] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 122.

[6] Mons. F. Ocáriz, Carta Pastoral 14/02/2017, n. 9.

[7] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 120.

[8] Mons. F. Ocáriz, Carta Pastoral 19/03/2022, n. 5.

[9] Francisco, Homilia, 8/05/2017.

[10] São Josemaria, *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá*, n. 24.

[11] São Josemaria, *Instrucción para la Obra de San Gabriel*, n. 14.

[12] Cfr. Mons. F. Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022, n. 11

[13] São Josemaria, *Instrucción*, 19/03/1934, n. 47

[14] Cf. Mons. J. Echevarría, Carta pastoral, agosto, 2014.

Vale a pena! (5): Em sua pureza original, em sua novidade radiante

“Eu vos digo isto, para que vos lembreis de que eu o disse, quando chegar a hora” (Jo 16,4). Estas palavras que Jesus pronuncia durante a Última Ceia se projetam decididamente para o futuro: fazem que hoje leiamos sua oração sacerdotal como dirigida a nós, como um testamento sempre vivo. Grande parte do que o Senhor confia a seus discípulos nesses últimos momentos se refere ao envio do Espírito Santo: “Quando, porém, vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à plena verdade. Pois ele não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido; e até as coisas futuras vos anunciará” (Jo 16,13). Esta tensão em relação ao futuro deve nos levar a perguntar-nos, em todo momento: “O que o Senhor espera hoje dos cristãos?” É a pergunta que o prelado do Opus Dei se fazia, poucos meses depois de receber esta tarefa do Senhor. E respondia: “que vamos ao encontro das inquietações e necessidades das pessoas, para levar a todos o Evangelho em sua pureza original e, ao mesmo tempo, em sua radiante novidade”^[1].

Deus continua se entregando aos homens

A paixão, morte e ressurreição de Jesus, núcleo da Revelação de Deus aos homens, aconteceu em um lugar concreto e em um momento histórico preciso. No entanto, não se trata de um evento que tenha passado para a história, como acontece com todo o resto: o mistério pascal continua dando fruto hoje. De fato, a Eucaristia, que é a forma sacramental desses acontecimentos, não é somente uma lembrança, mas sim *memória, no sentido bíblico da expressão*: torna presente este mistério em todos os tempos. É entrega – *traditio* – do amor misericordioso do Pai ao mundo. Ainda que volte a apresentar um acontecimento histórico concreto, a Eucaristia nos mostra que o valor da Páscoa rompe as barreiras do tempo para inserir-se em nossos dias. E isso não acontece somente com este núcleo da manifestação de Deus, mas, de certa forma, com todos os ensinamentos de Jesus: Ele nos confia a tarefa de entregar – *tradere* – essa Boa Notícia em cada momento da História (cfr. Mt 28, 19-20).

Esta missão, pela qual “a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita”^[2], implica necessariamente um progresso. Ainda que frequentemente consideremos esta noção como oposta à da tradição, trata-se de um mal-entendido. Na realidade, ambas expressam um movimento harmonioso: tanto transmitir como progredir indicam abertura à História. E isso é o que faz a Igreja quando caminha entregando sua vida aos homens e mulheres de cada época. O protagonista desta tradição, desta entrega, é o Espírito Santo, que faz eternas na História as palavras de Jesus. Também Ele é o protagonista do progresso, especialmente por meio da vida de cada um dos santos, que “elucida e faz conhecer aspectos sempre novos da Mensagem evangélica”^[3].

O vigor das origens

Este modo de ser da Igreja se replica em cada uma das realidades vivas que conformam o único Corpo de Cristo. É também, portanto, o modo de ser do Opus Dei, “velho como o Evangelho e, como o Evangelho, novo”^[4]. Na Obra, como na Igreja, tradição e progresso formam um todo harmonioso, como acontece também com a santidade e o apostolado. A santidade, de fato, se expressa na fidelidade ao espírito recebido de Deus, e o apostolado se desenvolve no meio de um mundo necessariamente em mudança. Esta harmonia é um fruto do Espírito Santo, que nos impulsiona tanto a valorizar os ensinamentos recebidos, como a renovar nosso entusiasmo por abrir novos caminhos para levar o Evangelho ao coração dos homens e mulheres do nosso tempo.

Quando o que se transmite é uma vida, um espírito, um modo de ser, a fidelidade se realiza necessariamente a partir da abertura à História. O que a Igreja entrega a cada época não são objetos, coisas inanimadas, mas uma forma viva, a *forma Christi*, que é chamada a transformar cada cultura a partir de dentro. Quem, ao anunciar o Evangelho, renunciasse a compreender a situação histórica do seu interlocutor e a situação histórica da sociedade em que vive, preocupando-se somente em ensinar uma doutrina abstrata, como fixada de uma vez por todas, não estaria transmitindo fielmente a mensagem de Jesus Cristo.

Na *traditio evangelii*, a transmissão do Evangelho, a fidelidade se assemelha à continuidade de um rio vivo, caudaloso, que nos põe em contato com o vigor das origens.

Bento XVI explicava como o Espírito Santo garante “a ligação entre a experiência da fé apostólica, vivida na originária comunidade dos discípulos, e a experiência atual de Cristo na sua Igreja (...). A Tradição – continuava – não é transmissão de coisas ou palavras, uma coleção de coisas mortas. A Tradição é o rio vivo que nos liga às origens, o rio vivo no qual as origens estão sempre presentes”^[5].

O Opus Dei transmite ao mundo um espírito, um estilo cristão de vida, uma compreensão da profunda relação filial com Deus que se origina no Batismo. Este espírito, como a tradição da Igreja da que forma parte, não pode nem deve ser codificado e especificado em todos os seus aspectos. Além disso, alguma concretização de hoje, pode não estar vigente amanhã, porque o que se transmite ao longo do tempo não é tanto isso, mas um espírito filial pelo qual vivemos em Cristo, capaz de dar vida em cada nova situação que a História apresenta. “Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual”^[6].

Um *aggiornamento* na vida pessoal

Jesus encarregou os seus discípulos da tarefa de chegar a todos os homens e a todos os povos conhecendo sua cultura e seu contexto. Para expressar este desafio utiliza-se com frequência a palavra italiana *aggiornamento*, que literalmente significa renovar-se, ficar em dia. Ela foi utilizada, por exemplo, por São João XXIII e seus sucessores para se referirem à missão do Concílio Vaticano II. Em si

mesmo, o termo expressa a solicitude por não perder relevância, por estar em sintonia com o que as pessoas entendem ou experimentam. No entanto, houve quem empobreceu o seu significado defendendo que a Igreja “ficasse em dia”, no sentido de submeter-se às circunstâncias dos tempos, como quem “ajusta” sua mensagem às exigências das variadas novidades, chegando a perder a própria mensagem.

São Josemaria não demorou em enfrentar esta segunda compreensão do termo. Em várias ocasiões, advertiu que não é a Igreja a que deve adaptar-se aos tempos, mas que é cada época que necessita descobrir a mensagem salvadora de Jesus Cristo. Dizia que “O *aggiornamento* deve ser feito, antes que nada, na vida pessoal, para deixá-la de acordo com essa velha novidade do Evangelho”^[7]. Acrescentava, além disso, que uma pessoa que vive o espírito do Opus Dei, na medida em que trabalha no meio do mundo e está plenamente incorporada aos processos da sociedade, deveria estar naturalmente em dia, *aggiornata*, atualizando também, desta forma, a sua missão.

Este dinamismo da fidelidade, explicou o Prelado do Opus Dei, realiza-se acima de tudo como um “*aggiornamento* natural”: o de uma pessoa que encarna o espírito que São Josemaria transmitiu. “É, sobretudo, no âmbito do apostolado pessoal – que é o principal na Obra – e em orientar com sentido cristão as profissões, as instituições e as estruturas humanas, que procuramos ter iniciativa e criatividade, para construirmos uma relação de sincera amizade com muitas pessoas e levar a luz do Evangelho à sociedade”^[8].

As pessoas que procuram encarnar o espírito do Opus Dei estão habitualmente predispostas, por sua própria vocação, a esta “continuidade criativa”. No entanto, essa disposição não é automática: para ser criativos, é necessário “conhecer profundamente o tempo em que vivemos, as dinâmicas que o atravessam, as potencialidades que o caracterizam, e os limites e injustiças, às vezes graves, que o afetam”^[9]. Se a ideia de “adaptação” faz pensar em uma série de forças que pressionam de fora, pedindo moldar-se às novas exigências dos tempos, expressões como “fidelidade dinâmica” ou “continuidade criativa” consideram mais uma atividade a partir de dentro, de uma vida interior vibrante, pela que cada um pensa e atua com criatividade, em um diálogo constante com a realidade que o rodeia.

A criatividade está, dessa forma, estreitamente ligada à “profissionalidade” no sentido mais genuíno do termo. Estimula a inteligência – *intus legere*, ler dentro – com a que se penetra nas coisas, sem ficar na superfície. A criatividade é fruto do amor ao mundo e às pessoas, porque implica o esforço de procurar novos caminhos, sem ceder à facilidade de uma repetição literal do que foi adquirido, que sempre é menos exigente para si mesmo e menos eficaz para os outros. A criatividade é, enfim, fruto da oração sincera: somente olhando Jesus, centro da História, podemos encontrar novas chaves para entrar no coração de nossos contemporâneos.

O discípulo fará obras maiores

Quando estudou como a doutrina cristã foi se desdobrando ao longo do tempo, São John Henry Newman percebeu que toda a pregação de Jesus continha, como

uma semente, tudo o que o cristianismo chegaria a ser ao longo da história^[10]. Entende-se assim como, da mesma forma que uma semente germina e floresce em função da qualidade do solo, das condições climáticas e das circunstâncias ambientais, o cristianismo deu lugar, ao longo da História, a fenômenos aparentemente inéditos que na realidade não são *absolutamente novos*, porque estavam contidos na semente. No entanto, está claro que aqueles frutos, com suas cores e fragrâncias, necessitavam de um tempo oportuno e das condições favoráveis para chegar a ser possíveis.

A fé dos primeiros discípulos na presença real do corpo de Cristo na Eucaristia, por exemplo, foi a semente que frutificaria muito tempo depois em forma de culto eucarístico fora da Santa Missa, na construção de igrejas, ou em nossa adoração diante dos sacrários. No entanto, tudo isso não começou a amadurecer até que, no século IV, os cristãos começaram a contar com as condições para desenvolver o culto eucarístico. Toda *novidade* genuína remete à semente que está na origem, quando o fruto ainda era invisível.

Algo parecido acontece com o espírito da Obra. Certamente São Josemaria recebeu a essência do carisma, o núcleo do que se transmitiria com o tempo, mas não podia prever tudo o que se originaria a partir dessa mensagem. Ainda durante a sua vida, de fato, experimentou muitas vezes esta realidade, e é lógico que isso continue acontecendo ao longo dos séculos. Rezando em voz alta durante a sua permanência na Legação de Honduras em 1937, expressava isso assim: “Pela misericórdia de Deus, sou o primeiro elo, e vocês são também os primeiros elos de uma corrente que continuará pelos séculos sem fim. Não estou sozinho: há agora almas – e chegarão muitas mais no futuro – dispostas a sofrer comigo, a pensar comigo, a participar comigo da vida que Deus depositou neste corpo da Obra, que acabou de nascer”^[11].

Mons. Fernando Ocáriz, em uma das suas primeiras viagens como Padre desta família, dizia em Madri que toda nova etapa no Opus Dei “é uma boa ocasião para que cada um se proponha a começar outra vez, para sentir a Obra em nossas mãos com mais agradecimento e mais responsabilidade”^[12]. Jesus já tinha anunciado este dinamismo da vida a seus discípulos, na sua oração sacerdotal durante a Última Ceia: “Em verdade, em verdade vos digo: aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço, e fará ainda maiores do que estas, porque vou para junto do Pai” (Jo 14, 12). A novidade na continuidade, pela qual a árvore cresce e se torna robusta, é, em síntese, o resultado da identificação com Jesus Cristo e da docilidade a seu Espírito. No plano de Deus para os homens, são o Filho e o Espírito Santo quem nos mostram porque a Verdade e a História não se opõem: o Filho, a Verdade em pessoa, é Aquele para quem a História aponta e de quem toda a História recebe seu sentido. E o Espírito, que guia a Igreja em seu caminhar terreno, é Aquele que nos conduzirá à verdade completa.

Giuseppe Tanzella-Nitti

[1] Mons. F. Ocáriz, *Mensagem*, 7/07/2017.

[2] Concílio Vaticano II, *Dei Verbum*, n. 8.

[3] Bento XVI, *Discurso*, 19/12/2009.

[4] São Josemaria, *Entrevistas*, n. 24.

[5] Bento XVI, Audiência, 26/04/2006.

[6] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 11.

[7] São Josemaria, *Entrevistas*, n. 72.

[8] Mons. F. Ocariz, Carta pastoral, 19/03/2022, n. 10.

[9] Mons. F. Ocariz, Mensagem, 7/07/2017.

[10] Cfr. J.R. Newman, *Ensaio sobre o desenvolvimento da doutrina cristã*, Cultor de livros, São Paulo, 2020.

[11] São Josemaria, *Crescer para dentro* (AGP, biblioteca, P12).

[12] Mons. Fernando Ocariz, Viagem pastoral a Madri, junho-julho de 2017, em www.opusdei.org

[Voltar ao índice](#)

www.opusdei.org